# O DESENVOLVIMENTO INFANTIL POR MEIO DA LEITURA

IARA DE CÁSSIA SOUZA BONATTO

RESUMO

A leitura é para todo ser humano, uma porta de entrada tanto para a vida estudantil, quanto social, e deve ser oferecida ainda na infância. Deparamo-nos com a leitura em situações de necessidade, prazer, obrigação, divertimento ou apenas para passar o tempo. A leitura é combustível para o cérebro, quanto mais o abastecemos maior será o resultado em sua ativação. Há inúmeros métodos de desenvolvê-la e cada pessoa, de sua maneira individual, constata aquela que mais responde as suas necessidades lhe trazendo melhores resultados. Felizmente esse combustível é interminável, e através dele podemos estimular nossa memória ampliando a capacidade mental. Encontra-se a leitura em atividades simples do dia a dia: no trabalho, lazer, em rotinas cotidianas, como lista de compras, mensagens de celular, um jogo, sinalização de trânsito, um e-mail ou num simples bilhete deixado por alguém. Pode-se dizer assim que a leitura ultrapassa os limites da sala de aula e se faz presente em todo contexto da vida humana. A leitura é capaz de transformar, abrir a mente para o desconhecido trazendo assim novos conhecimentos. O ato de ler não se resume apenas em decodificar os símbolos, consiste em uma série de estratégias que permitem o indivíduo compreenderem o que lê.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Símbolos. Conhecimentos.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da questão de buscar reflexões sobre a importância da leitura para o desenvolvimento infantil. O contato precoce da criança com o livro é de extrema importância para o processo de alfabetização, e deveria ser apresentado em casa, pelos pais ou irmãos maiores. Acreditando-se serem inúmeros os fatores que fazem com que esse contato seja de certa forma prejudicado, negado, a escola é vista como único espaço a garantir esse contato da criança com o livro (e outros materiais escritos) de maneira a acrescentar proveitos ao seu processo de aprendizagem.

Um dos problemas comuns que precisa ser refletido é de como usar a leitura como algo prazeroso para a criança e como o professor pode trabalhar em sala de aula para que a leitura seja significativa para a criança que está em pleno desenvolvimento.

O objetivo desse estudo é buscar alternativas que possam auxiliar o professor a trabalhar com a leitura em sala de aula de diversas maneiras que motivem e incentivem as crianças a terem o prazer em aprender a ler, entrando assim no mundo da alfabetização significativa.

O conteúdo apresentado nesse artigo poderá beneficiar professores e contadores de histórias, baseado em autores que corroboram com o tema da importância da leitura para o desenvolvimento infantil.

Para fins desta análise os conceitos de leitura e alfabetização são tratados nesse artigo de forma motivadora, fundamentados nas teorias de Paulo Freire, Abramovich, Caldin, entre outros autores e pesquisadores que corroboram com o tema em questão.

É importante destacar que as informações aqui disponibilizadas, foram obtidas por meio de pesquisa bibliográfica, com autores que denotam sobre a importância da leitura para o desenvolvimento infantil.

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO UNIVERSO INFANTIL

Contar uma história é diferente de ler uma história, e na escola há espaço para as duas práticas. O contador recria o conto junto com seu auditório. Ele conserva algumas partes do texto, mas modifica-o, de acordo com a interação que estabelece com o público. Já o leitor de histórias empresta sua voz ao texto, respeitando a estrutura linguística da narrativa, bem como as escolhas lexicais do autor.

Todo professor pode se tornar um contador de histórias. No início, basta que ele leia diferentes tipos de histórias para os alunos. Aos poucos, ele vai se apropriando das narrativas e começa a querer contar aquelas de

que mais gosta. Cada contador, usando suas habilidades, encontra a sua forma de contar histórias – e começa a dar vida a elas. Algumas sugestões são importantes para quem deseja se aventurar pela arte de contar histórias: é recomendável uma leitura prévia minuciosa do conto, buscando apreender o sentido mais profundo, ou seja, buscando compreender a sua essência; é interessante, também, que se faça uma divisão do conto em cenas ou partes principais, e que se identifique a estrutura da narrativa; por fim, é bom conhecer bem os personagens e as situações que eles vivenciam na sequência narrativa.

Por meio da leitura dos Contos de Fadas podemos perceber as questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados, vivências e experiências que sustentaram a humanidade nos foram passadas por meio das histórias contidas nos contos numa linguagem simples que fornece sentidos em qualquer idade.

De acordo com Caldin (2001, p. 32):

Na década de 1950, o Brasil passou por uma crise da leitura, com a expansão do cinema e da televisão, quando a poesia ficou relegada a segundo plano, suplantada pela imagem. Os grandes festivais da música popular brasileira resgataram a poesia e abriram caminho para os anos 1970, com o boom da literatura infantil, que, sufocada pela ditadura, buscou, por meio da metáfora, uma forma de denúncia ao governo.

Percebe-se que os contos de fadas são influenciados pela política que o país vivencia, sendo também uma forma de expressar opiniões em forma de metáforas para denunciar os governos.

Segundo Coelho (1991, p.57):

Foi em pleno período de confronto entre o tradicional (formas já desgastadas do Romantismo/Realismo) e o moderno (representado pelo Modernismo de 22) que Monteiro Lobato inicia a invenção literária que cria o verdadeiro espaço da literatura infantil no Brasil.

Segundo Freud (apud Franz, 1962) todo sonho é uma expressão relevante da vida interior e, sua interpretação, é o caminho para a compreensão do inconsciente. Freud (apud Franz, 1962, p. 17) percebeu que os sonhos não se diferenciam dos mitos e Contos de Fadas, e que são um fenômeno humano universal. Numa história, a sucessão de acontecimentos representa a experiência interna do herói - história latente – numa linguagem simbólica.

As crianças ao lerem/escutarem Histórias entram em contato com seu material inconsciente/latente, pois ao se identificarem com os personagens podem avaliar as situações de uma forma mais distanciada. Dessa forma, ao entrar em contato com os processos internos identificando-se com os personagens, os contos possibilitam a criança ver-se “de fora” da situação, com um olhar mais distanciado pode-se melhor perceber o problema posto e as sugestões para a solução.

Temos que ter em mente que ao analisar os significados dos contos, pode haver um apego demasiado a alguns aspectos não existentes em relatos mais antigos.

As histórias podem ajudar as crianças a elaborar e vencer dificuldades psicológicas bastantes complexas, pois oferecem possibilidades de se construir uma ponte entre o inconsciente e a realidade, visto que em cada história uma linguagem simbólica que se comunica diretamente com o inconsciente e mesmo que a criança não expresse sua compreensão acerca da mensagem contida na história, isto não significa que esta não foi assimilada.

Ler um conto de fadas para uma criança, ou deixar que ela o leia sozinha é importante para auxiliar no desenvolvimento da imaginação e da fantasia. Esses elementos são essenciais para o universo infantil, uma vez que servem como mediação entre a criança e a realidade, atuando na resolução de conflitos e na estruturação da personalidade, através dos simbolismos representados pelos personagens.

## ASPECTOS POSITIVOS PARA PRODUÇÃO TEXTUAL

Desde os tempos antigos contar histórias, ler para o outro fazia parte de uma tradição, a qual nossos pais, avós contavam e recontavam histórias belíssimas, cheias de encanto. A família se reunia e partilhava momen-

tos que fazia viajar pela imaginação.
Essa prática foi se perdendo e infelizmente nos dias de hoje dificilmente ouvimos ou temos tempo para contar uma história ou uma prosa. E é por isso que devemos refletir melhor as práticas de aprendizagem dentro da escola, de maneira com que favoreça e possa suprir a necessidade de cada indivíduo.
Segundo Abramovich (1997, p.23): "[...] O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o representar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o querer ouvir de novo [...]. Afinal, tudo pode nascer de um texto [...]".
A leitura proporciona inúmeros aprendizados, desenvolve capacidades cognitivas, diferentemente de um filme, que oferece os conteúdos já prontos. Cada leitura feita deixa marcas em seus leitores/ouvintes, oferecendo ingredientes para se aventurar por meio das palavras, tais como: ideias, paisagens, estratégias, singelezas, bondades, encantamentos, sustos, indignações e ternuras.
Dar oportunidades para que a criança conte história numa roda de amigos, deixar aquela escolha o que vai contar o que quer partilhar naquele momento, pode ser uma história que já ouviu e que gostou muito, como também histórias que costumam ouvir em suas famílias, essas particularmente, observei terem mais ênfase por parte deles, com certeza, por fazer parte do real, do vivido, que apenas eles sabem como será o final. Práticas desse tipo possibilitam trabalhar: entonação, dicção, expressão facial, corporal, interpretação, vocabulário, fluência, desenvolvendo também o exercício da socialização.
Atividades orais oferecem condições ao aluno de falar com fluência em situações formais, adequando a linguagem às circunstâncias apresentadas, apurando a fala a cada novo aprendizado. Possibilita ainda a praticar e aprender a convivência democrática, que supõe o respeito do falar e do ouvir.
A oralidade trabalhada através de textos, histórias ouvidas, é grande facilitador para que o processo de produção textual aconteça.
A partir das narrações a criança desenvolve um esquema de texto. Em se tratando de histórias, por exemplo, a criança começa a entender que nelas há um começo, meio e fim. Percebe também que estão contando alguma coisa que aconteceu, seja verídico ou não. Notam que existe uma ordem, onde há um fato que aconteceu primeiro e que levou a outros fatos se chegando a um determinado final. Essa prática auxilia as crianças a lembrar-se de histórias que já ouviram e até mesmo a construírem novas histórias, ficando entendido que necessitará de um começo, meio e fim, mesmo que apresente ainda no início essa ordem meio desconexa.
Ao ouvir histórias a criança percebe que existe nelas uma sequência, uma ordem para que tudo aconteça, e ao reconstruir essa sequência mentalmente, seja para lembrar-se ou para contar a alguém, desenvolve um esquema de história, fazendo dela uma representação mental.
A partir disso, desenvolverá representações das partes que compõem uma história, sendo elas, os personagens, o cenário, o tema, a trama da história e o desfecho. O ato de recontar histórias permite que a criança amplie seu vocabulário desenvolvendo uma linguagem interna mais sofisticada, potencializando tanto a linguagem oral quanto a escrita.
A criança que ouve muitas histórias ao se deparar com o livro, tenta reproduzir a mensagem como se realmente estivesse lendo, fazendo uso de um vocabulário próprio de um leitor, podendo observar então, a diferença com a maneira com que se expressa na linguagem informal. Ao contrário disso, uma criança que não possui um contato relevante com a leitura poderá fazer o mesmo gesto apenas na decifração de imagens apresentadas, não acompanhando assim o desenrolar da história. Nota-se aqui a importância da leitura ser apresentada de maneira precoce para a criança, contribuindo assim, como fator decisivo para seu processo de evolução.
O contato da criança com o livro, segundo estudo acontece em diversas fases, inicialmente com a criança apontando e nomeando figuras e vai se evoluindo até chegar à leitura de faz de conta.
Várias atividades podem ser propostas a partir de uma leitura. Deve se incentivar as crianças a recontar, no início é importante que a mesma seja orientada para que possa perceber elementos significativos. De acor-

do com a necessidade da criança é possível intervir com perguntas que auxiliarão na aprendizagem, tais como: e agora? O que aconteceu depois disso? Onde aconteceu? Essas e muitas outras intervenções servirão como base para próximos recontos. Para crianças que já possuem contanto com a leitura, pode-se dar início á história e pedir para que a criança dê continuidade.

O reconto de histórias feito pelas crianças não é uma atividade presente nas salas de aula da educação infantil, o professor está mais acostumado a expor a criança à ouvir histórias, talvez não sendo parte do seu conhecimento os benefícios que o reconto proporciona para a mesma e o quão significativo é para a evolução de aprendizagens futuras. Muito raramente nos colocamos como espectador frente à criança que reconta ou cria uma história, deixando assim de conhecer, incentivar e prestigiar os avanços presentes nelas.

Ao valorizar e permitir a escuta da criança, o professor poderá verificar o número de palavras que a mesma utiliza para construir uma frase, poderá também perceber se os assuntos que ela traz têm coerência, se existe uma sequência, uma lógica, no caso dos livros, se a criança dá relevância apenas às imagens, ou se tenta construir uma história a partir das páginas.

Desde cedo a criança tem contato com brincadeiras que envolvem palavras. Enquanto bebês se deliciam com as cantigas de ninar, com cantigas de roda e aos poucos vão conhecendo as rimas, trava-línguas, parlendas, adivinhas, mostrando-se cada vez mais interessadas por esses tipos de brincadeira, as quais memorizam com facilidade. Tendo em vista que são conhecimentos subentendidos da criança, considerando não ser um processo apenas do seu desenvolvimento, são consideradas essenciais para o processo de alfabetização, necessitando assim de um trabalho pedagógico intencional para que a mesma evolua.

As brincadeiras com as palavras estão muito presentes na educação infantil, e delas podemos tirar proveitos significativos que as auxiliarão na transição da educação infantil para o ensino fundamental, já que serão úteis para que avancem na compreensão das relações entre os sons da língua e sua representação na escrita.

Desenvolvendo atividades significativas e intencionais, tendo em mente que a alfabetização não está centrada em um único ano de escolaridade, entende-se assim que muito pode ser feito na educação infantil para que a mesma possibilite o avanço da criança no processo de alfabetização.

Levando em consideração a importância da leitura e escrita na nossa cultura, a escola deve garantir às crianças o contato com as práticas letradas desde a educação infantil, trabalhando de maneira lúdica textos de diferentes gêneros, refletindo assim as palavras escritas, sem cobranças que não estão ao alcance da criança pequena.

Em suma, a educação infantil é fase importante para o processo de início da alfabetização, dessa maneira torna-se imprescindível voltar as experiências da criança à atividades significativas, proporcionando às vivências com a linguagem oral, escrita, corporal, desafiando as mesmas a refletir sobre os diversos assuntos, participando de maneira lúdica.

Pode-se concluir que, um trabalho diferenciado no qual, desde a educação infantil, a criança seja inserida em práticas de leitura e escrita alfabética é de grande importância para sua transição já que terá uma bagagem considerável ao chegar no ensino fundamental.

## AS REPRODUÇÕES DAS HISTÓRIAS OUVIDAS

O trabalho de leitura feito especialmente com contos e histórias é muito rico, no sentido de quantidade e variedade, este gênero encanta crianças, como adultos, desde o mais jovem até o mais velho. Quem sabe ler também gosta de ouvir histórias. Quem não gosta de ouvir uma boa música?

Para Vygotsky (1998), aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida. Assim, é fácil concluir que o aprendizado da criança começa muito antes de ela frequentar a escola. Todas as situações de aprendizado que são interpretadas pelas crianças na escola já têm uma história prévia, isto é, a criança já se deparou com algo relacionado do qual pode tirar experiências.

Para que a leitura seja apresentada de maneira atrativa é necessário ampliar os modos

com que apresentamos, isso a torna mais interessante aos olhos das crianças, e ainda oferecem subsídios para ampliar o repertório imaginário da criança. É imprescindível que novas práticas sejam buscadas a fim de inovar sempre.
Objetos utilizados na contação de histórias é um recurso enriquecedor. Pode-se fazer uso de qualquer objeto para que o mesmo represente algo. Deve-se incentivar as crianças a representar com objetos que não possuem a mesma representação do objeto inicial, por exemplo pedaços de madeira, sucatas onde a própria criança se encarregará de classificá-lo, como sendo personagem ou cenário de uma história. Tendo em vista que o faz de conta é inerente a criança a mesma não terá problemas quanto a essa forma de representação.
As práticas de leitura se tornam mais esperadas pela criança quando são feitos usos de objetos para representar a ação, essa prática sem dúvida deixa a leitura mais divertida. Através das representações feitas pelas crianças, pode-se ter uma noção do que ela assimilou, e ela transmitirá esse aprendizado através de seus comentários, comportamentos, faz de conta ou um desenho.
A imaginação da criança começa a trabalhar antes mesmo da história se iniciar. Ficam curiosas por saber qual estratégia será utilizada pelo professor naquele momento para determinada história.
É importante que o professor seja criativo, pois a criança necessita de repertórios para que possa então reproduzir as histórias, já que a imitação está intimamente ligada a ela. O reconto das histórias feitas pelas crianças é rico de detalhes, e deve ser observado e avaliado.

A IMPORTÂNCIA DO CONTATO COM O LIVRO
Na atualidade é notório que um aparelho eletrônico chame mais atenção do que um livro, sendo assim é preciso rever as práticas a respeito da leitura e escrita de maneira que possa dialogar com as inúmeras informações e tecnologias que as crianças estão inseridas atualmente.
A criança precisa de conhecimentos significativos para que seu desenvolvimento na aprendizagem ocorra de forma eficiente. É muito mais interessante para ela aprender através de experiências, das quais possam ver, tocar e dominar.
Deve-se levar em consideração a singularidade de cada pessoa, respeitando seus ritmos. Cada criança tem seu tempo, para engatinhar, andar, falar, e tudo isso não pode ser apressado.
Fazer a troca do eletrônico por um livro não é uma tarefa impossível e nem fácil, devemos mostrar que o livro é tão interessante quanto o eletrônico, basta que o mesmo seja apresentado de maneira atrativa e diversificada, despertando assim a curiosidade da criança e o desejo por aprender.
Muitas crianças não possuem um ambiente que favoreça a prática da leitura em casa, e muitos têm a sala de aula como único local que oferece a mesma de maneira diversificada. Pensando em reverter essa situação devemos trabalhar a leitura de maneira prazerosa, mostrando à criança os benefícios e aprendizados que a mesma pode proporcionar, fazendo assim com que a criança faça dela um hábito ao qual acabará levando para casa e conquistando ainda mais leitores.
O contato da criança com a leitura permite a ela entender, questionar, conviver e agir no mundo, conhecer novas culturas, pessoas e ideias diferentes, abrindo assim seu intelecto para o novo.
ABRAMOVICH se expressa ainda melhor quando diz:

São através das histórias, que descobrimos outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo um pouco de História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara da aula. (ABRAMOVICH, 1989, P. 17).

A leitura pode proporcionar uma infinidade de benefícios desde a mais tenra idade. Já dizia Abramovich em seu livro Gostosuras e bobices: “Ah! Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias...” (ABRAMOVICH, 1989, p.16).
É importante que se pense num ambiente agradável e cheio de encantamentos, afinal a criança se encanta com o mágico, com o extraordinário, nada de mesmices. A leitura

deve ser feita de maneira que desperte na criança a curiosidade de saber o que está por vir. Nas palavras de
Abramovich:

É bom que, quem esteja contando, crie todo um clima de envolvimento, de encanto [...]". Que saiba dar as pausas, criar os intervalos, respeitando o tempo imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais. (ABRAMOVICH,1997. p.21).

O contato da criança com o livro pode acontecer muito antes do que os adultos imaginam. Muitas pessoas pensam que se a criança não sabe ler não há a necessidade de oferecer livros a ela, e não o fazem por medo dos danos que o mesmo pode e irá sofrer, por serem muito pequenas e não terem hábitos e habilidade motora para lidar com ele, mas se não oferecermos o material por medo de danificá-lo, como aprenderão a forma correta de manuseio?
O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil- RCNEI (1998, vol.3) ressalta a importância do manuseio de materiais, de textos (livros, jornais, revistas, etc.), pelas crianças, uma vez que ao observar produções escritas a criança, vai conhecendo de forma gradativa as características formais da linguagem. Isso é visível quando uma criança folheia um livro imite som e faz gestos como se estivesse lendo.
Portanto cabe ao adulto mediar essa ação. No entanto esses momentos são importantes para que desde cedo a criança aprenda manipular o livro, e através de atividades permanentes comecem a entender a forma correta e mais adequada de utilizá-lo. Precisamos desfazer a ideia de o livro ser um objeto "sagrado", que deve ser mantido em um lugar alto da estante, a criança deve sim manuseá-lo de maneira a que possa ir se familiarizando com o mesmo, descobrindo a magia do ato de ler.
Ainda na infância a criança percebe que o livro é uma coisa boa e divertida. Ao manuseá-lo elas se interessam por suas formas, cores e figuras as quais em processos gradativos passarão a identificar e nomear.
A respeito disso Paulo Freire ressalta em seu livro:

Refiro-me a que, a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele". Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. "De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1989, p. 13).

Muito antes de ser alfabetizada a criança faz o uso do livro do seu jeito, folheia e observa figuras, observa ainda o gesto e postura de outros leitores, pais, professores ou outras crianças. É percebido que a criança mesmo não alfabetizada, ela faz traduções e levantamento de hipóteses a partir do vocabulário e dos conhecimentos que já possui, fazendo uma leitura não formal. A partir daí começa o processo de aprendizagem onde se nota a existência de coisas que servem para serem lidas trazendo informações.
Não basta apenas o contato com o material, as crianças devem ser envolvidas em práticas que tragam significados, existe uma infinidade de maneiras de se trabalhar a leitura com a educação infantil, como por exemplo: roda de leitura, conteúdos de histórias, malas de leitura, leitura de livros, cantinhos, brincadeiras com livros, e muitas outras, as quais podem e devem ser atualizadas sempre. A criança mesmo que ainda não alfabetizada é capaz de produzir textos orais, afinal ela pensa, organiza suas ideias para que o outro compreenda a mensagem que ela deseja transmitir. Esse fato fica evidente em rodas de leitura em que o professor abre espaço para que a criança mesmo não alfabetizada conte a história a sua maneira, no decorrer os colegas vão interferindo na narrativa ao perceberem que a criança (narradora) esqueceu-se de algum fato ou algum personagem, abrindo assim uma grande dis-

cussão.
Para que ocorra o processo de formação de leitores é necessário refletir sobre o desenvolvimento do professor como leitor, pois para que a criança se veja interessada no ato de ler deve ser notório o prazer e contentamento demonstrado pelo professor/ mediador.
Uma das práticas presentes na educação infantil é à roda de leitura, apesar de muitas vezes ser vista como diversão, a roda de leitura é um momento onde a alegria e o interesse da criança está em alta, e aliados a isso é que podemos e devemos atingir outros objetivos, como educar, instruir, desenvolver inteligência, promover cultura, transmitir novos valores já que em muitos casos a criança incorpora os personagens das histórias ouvidas. Nelas ainda, a criança tem a possibilidade de ouvir, contar, recontar com suas próprias palavras, imitar sons, gesticular, representar papeis sociais, imaginar e recriar situações.
A leitura em voz alta faz com que escutem, questionem e respondam. É um meio significativo para que a criança passe a compreender as funções e a estrutura da linguagem escrita e a partir delas perceber o quanto estão associadas.

Cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a autoestima. (RCNsvol 1,1998).

Na roda de leitura devemos ampliar as possibilidades, refletindo os ricos ambientes alfabetizadores nos quais as crianças estão inseridas fora da escola, devemos apresentar não apenas leitura de histórias, mas também ler e brincar com textos memorizados, parlendas, cantigas de roda, quadrinhas, receitas, leituras de revistas, jornais, gibis, rótulos e embalagens, são tipos de leituras que enriquecem e despertam ainda mais o interesse por aprender a ler. Essas leituras devem ser apresentadas de maneira prazerosa respeitando sempre o interesse e a idade do grupo.

Para aguçar ainda mais a vontade por aprender a ler, devemos permitir o manuseio dos livros. Essa prática permitirá que a criança utilize algumas estratégias de leitura, seja folheando, passando o dedo por sobre as palavras, observando e nomeando imagens, e até mesmo reproduzindo a postura do educador quando o mesmo lê para ela. A partir disso o professor pode trabalhar ainda o cuidado e o manuseio do livro, fazendo com que a criança compreenda a maneira correta de utilizá-lo.
Após a leitura em roda é interessante que o professor abra espaço para supostas discussões a respeito da leitura realizada, dando assim oportunidades para que a criança exponha sua ideia, sua opinião, podendo assim até mudar o final da história, promovendo a capacidade reflexiva e crítica de cada um, enriquecendo o vocabulário, desinibindo e facilitando a comunicação e interação social entre os participantes.
Dessa forma a criança será não apenas ouvinte, mas também participante ativo do processo de aprendizagem o que passará a ter e fazer mais sentido a ela.
Deve-se fazer com que a leitura seja percebida pela criança como uma necessidade social e não apenas escolarizada, fazer-se perceber que há um mundo diferente daquele que se vive, viajando pelo mundo das palavras.
É importante que na escola a leitura não seja apenas uma introdução a uma atividade posterior. É fundamental que o professor faça leituras por gosto, simplesmente para proporcionar momentos de viagem no mundo da imaginação mostrando à criança que a leitura pode sim, ser prazerosa e trazer inúmeros aprendizados sem que seja necessário se preocupar com a atividade a ela relacionada.
Para que o aprendizado ocorra de maneira prazerosa na educação infantil é de suma importância que as propostas traçadas valorizem sempre o lúdico, pois brincando a criança internaliza valores e noções como cooperação, sensibilidade, imaginação e solidariedade.
Segundo Vygotsky(1998) “O desenvolvimento da pessoa está extremamente ligado a sua relação com o ambiente sócio cultural e só irá vingar se tiver contato e o suporte de

outros indivíduos de sua espécie".
Ainda: "Atividades lúdicas podem ser o melhor caminho de interação entre adultos e crianças e entre as crianças entre si, para gerar novas formas de desenvolvimento e de reconstrução de conhecimento". (VYGOTSKY 1998)
Desse modo, acredita-se que um bom ouvinte de histórias e leituras variadas tem grandes possibilidades de se tornar um bom leitor, passando assim, a contar e a escrever sua própria história.
Para tudo na vida existe uma hora e um lugar, portanto elaborar, construir o espaço onde serão realizadas as rodas de leitura merece tanta atenção quanto à proposta a ser avaliada. É importante também que as próprias crianças façam parte desse processo de organização, afinal tudo fica mais interessante quando nos sentimos parte daquilo.
Segundo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: '[...] um ambiente é alfabetizador quando promove um conjunto de situações de usos reais de leitura e escrita das quais as crianças têm oportunidade de participar. (RCNEI; SEF, 1998, p. 151)
Um ambiente alfabetizador deve ser um lugar aconchegante, que desperte no aluno a curiosidade para fazer suas próprias descobertas.
Portanto é importante que a criança tenha oportunidade de participar de diversas situações as quais envolvem a leitura e escrita, dessa forma poderá desde cedo pensar sobre a língua e seus usos, construindo ideias sobre como se lê e como se escreve.
É importante que os materiais estejam dispostos de maneira que facilite acesso ao manuseio e exploração, estimulando o interesse da criança, dessa forma a criança se sentirá parte do processo de alfabetização e não apenas espectador.
Ao contrário de uma biblioteca de adultos onde o silêncio é fator predominante, acredita-se que na biblioteca infantil as crianças devam interagir entre elas e com o adulto que ajudará a encontrar o caminho para a leitura, demonstrando dessa forma que a leitura é um ato prazeroso e não uma obrigação.
Pensar em um ambiente em que a criança perceba que algo diferente e encantador acontecerá, fazer uso de tendas, almofadas, efeitos, objetos inusitados trarão ainda mais a criança para a leitura. E isso não tem a obrigatoriedade de acontecer única e somente dentro de uma sala de aula, o ambiente pode ser o mais variado possível, basta usar a criatividade.
É importante que a escrita se faça presente no ambiente, de modo que a criança perceba e possa assim refletir o porquê a leitura e escrita são tão importantes para a vida humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção da criança num mundo organizado pela cultura é realizada por intermédio dos adultos próximos, que definem regras de convivência, e o que é denominado de processo de socialização e implica necessariamente na regulação das condições coletivas de existência.
A concepção de infância é construída historicamente, numa dinâmica de relações sociais nas quais a criança exerce papel ativo, de ator social, com características próprias do contexto onde está inserida.
A infância deixou então, de ser percebida como realidade conhecida por todos para ser compreendida como grupo específico que produz e reproduz vida social. Reconhece-se, portanto, a criança como pessoa em desenvolvimento, protagonista da sua história, agente e produto da vida social.
Por esses e outros motivos considera-se de extrema importância a leitura ser apresentada desde a mais tenra idade, com intuito de socializar, representar, expressar e ampliar conhecimentos.
Tendo a escola o papel de oportunizar meios para que a criança se desenvolva integralmente, auxiliando-a no processo de compreensão de mundo e de si mesma. Portanto, a proposta apresentada nesse trabalho, defendeu a importância da leitura na formação intelectual.
Para que todo o processo tenha êxito é imprescindível considerar a importância da relação professor/aluno, vendo um que ensina enquanto aprende, e outro que da mesma forma aprende enquanto ensina.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. Scipione,
1989.

BAPTISTA, M. C. Alfabetização e letramento em classes de crianças menores de sete anos: direito da criança ou desrespeito à infância? In: GONÇALVES, a.

BARROS, J.M.G. Jogo Infantil e Hiperatividade. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília, 1998. 3 v. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 2 jun.2025.

CALDIN, Clarice Forkamp. A poética da voz e da letra na literatura infantil: (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças). 2001. 261 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo européias ao Brasil contemporâneo. 4 ed. Ática, 1991.

FERNANDEZ A. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre,1991( reedição)

FRANZ, Marie-Louise Von. A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 1989.
KHAN, Aamir (direção). Como estrelas na terra, toda criança é especial. Disponível em: https://youtu.be/6rxSS46Fwk4 Acesso em 04 jun.2025.

MATTOS, P. No Mundo da Lua: Perguntas e Respostas sobre Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade em Crianças, Adolescentes e Adultos. São Paulo: Lemos Editorial, 2004.

MOURÃO, C. C. PNL e o sucesso no processo de ensino- aprendizagem. Sociedade Brasileira de Neurociência 2010. Disponível em: http://www.sbneurociencia.com.br/carine/index.htm Acesso em: 03 jun.2025.

NEGRINE, A. A Coordenação Psicomotora e Suas Intervenções. Porto Alegre: Pallotti, 1987.

PINHEIRO, A. S. (Orgs.). Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 227-259.

ROHDE, L. A.P. E BENCZIK, E.B. P. Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: o que é? Como ajudar? Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SILVA, A. B.B. Mentes Inquietas: Entendendo Melhor o Mundo das Pessoas Distraídas, Impulsivas e Hiperativas. São Paulo: Gente, 2003.

SOARES, M. A reinvenção da alfabetização-Presença pedagógica. Belo Horizonte, v. 9, n. 52, jul/ago., p. 15-21, 2003ª.

TURCHI, Sandra R. Estratégia de Marketing Digital e E-Commerce. 2 ed. São Paulo: Atlas LTDA, 2018.